

Crítica genética e literatura comparada

para uma metodologia do in-between.¹

Erica Durante

Tradução: Natalia Oliveira Ribeiro²

“TODAS AS FAMÍLIAS FELIZES SE PARECEM, cada família infeliz é infeliz à sua maneira”. Se é fácil reconhecer este tão célebre e extraordinário *incipit*, não é tão fácil distinguir as famílias felizes das infelizes na história da crítica literária. História esta que, no entanto, constitui para si uma verdadeira genealogia, fundada sob as relações de parentesco, filiação, fraternidade, mais ou menos próximas, mais ou menos distantes. Tomemos o caso de duas disciplinas: a crítica genética e a literatura comparada. Segundo a vulgata, infelizmente bastante difundida, elas fariam parte de famílias infelizes da crítica literária e seriam infelizes cada uma à sua maneira (embora por razões similares).

Primeira infelicidade: sua intitulação derivada, nos dois casos, dos epítetos nocivos que as definem, “genética”, para uma, “comparada”, para a outra. Ainda hoje, ambas batalham contra estes adjetivos que as fazemos endossar, e que por vezes se quis reformular, por via de inversões ou de sutis variações que introduziram formulações novas, como “genética textual” e “literatura geral e comparada”.

Segunda infelicidade: uma história adversa. Uma institucionalmente mais antiga que a outra (pelo menos se consideramos o panorama dos estudos literários franceses, que lhes concederam o estatuto de disciplinas acadêmicas), a literatura comparada e a crítica genética se caracterizam por uma recepção controversa. As discriminações que acumularam, se revezando entre acusações: uma é híbrida e precária (a literatura comparada), outra excessivamente positivista e ideologicamente ultrapassada (a crítica genética), se devem por vezes a um excesso corporativista que leva mais frequentemente a uma coexistência na incomunicabilidade do que a uma consciência verdadeira e reflexiva do conjunto de fenômenos literários e do estatuto da literatura.³

Nascida na França no fim dos anos 1960, segundo os paradigmas estéticos e as especificidades metodológicas que lhe concebemos hoje, a crítica genética introduziu, na crítica literária francesa do século XX, o estudo dos processos de escrita documentados pelos manuscritos de escritores, revertendo e, dessa forma, renovando, as tradições das filologias alemã, italiana e russa, mas também o método de Lanson. Resultado do movimento estruturalista se situa do ponto de vista histórico, como descendente de uma disciplina sólida, da qual se descolou com obstinação, para afirmar sua identidade teórica e empírica autônoma, o que atesta sua longa ancoragem bem como sua pertinência nos estudos literários, e que deveria dissua-

¹ O presente artigo foi publicado originalmente na revista *Recto/Verso. Revue de jeunes chercheurs en critique génétique*, 1 junho 2007, sob o título “Critique génétique et littérature comparée: d’une fausse impasse dans la théorie littéraire contemporaine”, que foi modificado nesta tradução por pedido da autora.

² Universidade de São Paulo-USP. E-mail: nanadeluca.oliveira@gmail.com

³ Retomamos aqui o artigo “La littérature comme genèse et comme comparaison” de Louis Hay. (In: *Le letterature comparate: metodi e obietivi*, Atti del Convegno Internazionale, Naples, 4-5 dezembro, 1998, Université de Naples, “L’Orientale”. Nessa coleção, o artigo foi traduzido para o italiano sob o título “La letteratura comparata fra tradizioni e prospettive”), assim como sua síntese sobre os opositores (Bourdieu, Crouzet, Falconer, Tadié) da genética. Essa síntese provém do desenvolvimento mais vasto desse mesmo assunto, publicado pelo mesmo autor sob o título “Critique de la critique génétique” (In: *Genesis*, n. 6, 1994, p. 11-23).

dir seus opositores mais ferrenhos a considerá-la como uma dissidente na pesquisa em literatura. A literatura comparada, por sua vez, foi frequentemente tida como antagonista das literaturas ditas nacionais. Julgada como composta e epistemologicamente fraca, buscando para além das fronteiras linguísticas uma síntese mais geral das histórias literárias, ela foi acusada de ser ambígua, e até pretenciosa, sendo o movimento comparatista intrínseco também às disciplinas que não necessariamente se situam nas ciências humanas e à criação literária situada necessariamente em uma circulação transnacional. Esta onipresença natural do ato comparatista, ao invés de validar institucionalmente o estatuto da pesquisa em literatura comparada, terminou por minar a institucionalização da disciplina na academia.

Não prolongarei a enumeração das *misérias* comuns às duas disciplinas, mas continuarei com o movimento comparatista que encadeei, considerando, sobretudo, os *esplendores* que compartilham e que as tornam mais próximas e complementares do que se deixa transparecer. Que me perdoem os comparatistas se me detiver mais em certos postulados e pesquisas da crítica genética. Parece-me que há algo que merece ser reconsiderado, sobretudo à luz de achados recentes. Que me perdoem se ao fim a balança pender mais para o lado da crítica genética. É preciso reconhecer que foi ela quem mais estendeu a mão aos estudos literários. Mas não passa de um balanço provisório que, espero, estará destinado à evolução ou, até mesmo, à subversão. Por que escondê-lo? Eis uma de minhas apostas.

Literatura comparada e crítica genética, ou (por que não?) genética comparada: a questão não é de hoje. Uma reflexão metodológica existe e se ela é, de fato, ainda insuficiente, é perfeitamente lúcida quanto às convergências metodológicas e ao questionamento crítico-estético evidentes que unem ambos os “percursos de pesquisa paralelos”, destinados não somente à “imbricação mas [sobretudo à] alcançar uma ampla e frutífera complementariedade”⁴. Em 1998, há cerca de dez anos (o que é relativamente recente para uma disciplina acadêmica jovem como a genética), Louis Hay questionou e tentou corrigir este binarismo insalubre que opõe uma *crítica especializada*, a genética, à uma *crítica geral*, a literatura comparada. Realizou um primeiro balanço daquilo que uma poderia levar à outra, tendo em vista um “conhecimento do conjunto de fenômenos literários” que não seria realizável se permanecêssemos prisioneiros de uma solitária e única literatura. Esta mesma questão seria retomada no colóquio em Londres sobre o *Devenir de la critique génétique*, em 2000, que permitiu a avaliação objetiva dos resultados empíricos e do impacto da genética na teoria e crítica literárias, não sem expressar alguns arrependimentos legítimos em relação às resistências ainda atuais com as quais se depara, especialmente na França, nos estudos literários⁵. Em 2005, unindo sua formação de comparatista e de geneticista, resultado da tradição filológica italiana, Maria Teresa Giaveri prosseguiu com o confronto. Em Veneza, diante de uma plateia de comparatistas de todo o mundo, reunidos para celebrar uma data simbólica de sua disciplina (o quinquagésimo aniversário da Associação Internacional de Literatura

⁴ GIAVERI, M. T. La nouveauté des études génétiques. In: MILDONIAN, P. (Org.). *À partir de Venise: héritages, passages, horizons. Cinquante ans de l'AILC*. Veneza: Atti del Convegno, 2005. Sobre isso, retomamos também outras contribuições recentes de Maria-Teresa Giaveri e de Louis Hay (respectivamente: GIAVERI, M. T. Comparatistica e genetica testuale. In: DONZELLI, M. (Org.). *Comparatismi e Filosofia*. Nápoles: Atti del Convegno, 2004; HAY, L. La letteratura comparata fra tradizioni e propezioni. In: *Le litterature compare: metodi e obiettivi*, Atti del Convegno Internazionale, Naples, 4-5 dezembro, 1998, Université de Naples, “L'Orientale”). Destaco também nesse sentido a reflexão, mais antiga e infelizmente decepcionante, de Graham Falconer, intitulada “Genetic criticism” e publicada em 1993 na revista *Comparative literature* (vol. 45, 1, p. 2-21). Notemos igualmente, entre as diferentes colaborações feitas nesse domínio, Pierre-Marc De Biasi do verbete “Théorie de l'intertextualité”, no *Dictionnaire des genres et notions littéraires* (In: *Encyclopædia Universalis*. Paris: Albin Michel, 1997, p. 371-378). Indico também que a *Revue de littérature comparée* realizou, em seu número de abril de 2004, uma resenha sobre a obra de Louis Hay, *Les manuscrits des écrivains* (Paris: Éditions du CNRS, 1993). Essa resenha não comporta, no entanto, qualquer referência às imbricações possíveis entre as duas disciplinas, quando era clara a oportunidade para fazê-lo, considerando sobretudo o público para o qual a revista se destina prioritariamente. Sublinho também o capítulo que Michel Jarrety consagrou à crítica genética em seu “Que sais-je” intitulado *La critique littéraire française au XX^e siècle*. (Paris: Presses Universitaires de France, 1998, p. 115-123).

⁵ O volume *La création en acte: devenir de la critique génétique*, dirigido por Paul Gifford e Marion Schmid foi publicada em 2007 nas edições Rodopi, em Amsterdã. A obra lista as diferentes intervenções apresentadas na ocasião desse encontro internacional.

Comparada), ela apresentou a novidade que constituía a pesquisa genética para os estudos comparados em literatura, construindo sua apresentação em torno da noção comum às duas disciplinas centrais em seus respectivos movimentos, a noção de *Outro*: “o Outro do texto” ou o antetexto, no caso dos geneticistas, e “a ciência do Outro”, ou “heterologia”, como definição da literatura comparada⁶. Uma noção cara a todo o campo de estudos literários comparados, da imagologia às questões mais evidentes de recepção, e que, de fato, dão conta do espírito e da atitude singulares que os comparatistas, como os geneticistas, levam a seu objeto de estudo que, mais do que nunca, é complexo e polimorfo.

A essas diferentes constatações e proposições, é preciso unir as descobertas oriundas de pesquisas aplicadas, que justamente harmonizam as duas práticas, genética e comparatista. Tendo em vista que não precederam a reflexão teórica, os estudos aplicados demonstraram com o texto em mãos, o valor e o interesse reais de uma análise capaz de integrar as possibilidades oferecidas pela ferramenta genética à pesquisa comparatista. Pensemos, por exemplo, em alguns trabalhos de Jacques Neefs sobre os cadernos de romancistas (Flaubert, Zola, James)⁷, nos estudos de Dirk Van Hulle sobre os manuscritos tardios de Joyce, Proust e Mann, onde a atualização de uma *genética comparada* permite colocar em perspectiva e compreender, em sua evolução e seus objetivos, três diferentes poéticas do tempo. Não esqueçamos tampouco, neste sentido, a análise das leituras cruzadas de Dante feitas por Joyce e Beckett, que o próprio Van Hulle realizou através do estudo comparado das anotações de leitura autografadas encontradas nas bibliotecas pessoais dos escritores. Estas pesquisas representam um dos primeiros bancos de ensaios neste domínio⁸. Como se alguns autores (Dante, no caso) pedissem, enfim, uma síntese de duas aproximações, eu mesma realizei um estudo da poética e da genética comparadas, que questionava a presença de Dante na escrita de Valéry e Borges⁹. Um estudo que se nutriu do método genético não unicamente para analisar a documentação antetextual (particularmente rica no caso de Valéry, ainda muito pouco explorada no caso de Borges), mas que também figurou nos resultados recentes obtidos pela pesquisa genética sobre as bibliotecas de escritores¹⁰. Com um pé no manuscrito e outro no livro, esta “interface entre a leitura e a escrita, o espaço transacional onde uma nasce a partir da outra”, para retomar a bela definição de Daniel Ferrer¹¹, as *marginálias* de autores (colocadas em seus livros pessoais ou inscritas em seus cadernos de anotações) podem ter um valor inestimável para as duas metodologias críticos em questão.

Paradoxo. O que acontece, então? Se a crítica genética, na identidade epistemológica e metodológica em que a conhecemos, não é pensável sem a literatura, por que os estudos literários deveriam ser concebidos como exteriores ao estudo da

⁶ Maria Teresa Giaveri faz aqui referência à formulação de Daniel-Henri Pageaux (cf. GIAVERI, M. T. La nouveauté des études génétiques. In: MILDONIAN, P. (Org.). *À partir de Venise: héritages, passages, horizons*. Cinquante ans de l'AILC. Veneza: Atti del Convegno, 2005, p. 23).

⁷ NEEFS, J. Carnets de romanciers (Flaubert, Zola, James). In: *Littérature*, n. 80, 1990, p. 56-70.

⁸ Refiro-me particularmente aos seguintes trabalhos de Dirk Van Hulle (*Économie textuelle: recyclage chez Proust, Mann et Joyce*. In: *Genesis*, n. 18, 2002, p. 91-103; *Textual awareness: a genetic study of late manuscripts by Joyce, Proust and Mann*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2004; *Joyce and Beckett: discovering Dante*. Dublin: National Library of Ireland, 2004).

⁹ Ver a seguinte monografia: DURANTE, E. *Questions de poétique et d'écriture: Dante au miroir de Valéry et de Borges*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2008.

¹⁰ Penso, particularmente, nas diferentes tentativas realizadas pelos pesquisadores da genética textual. À parte da obra coletiva fundadora, *Bibliothèques d'écrivains*, organizada por Paolo D'Iorio e Daniel Ferrer (Paris: Éditions du CNRS, 2001) atentamos para o número 2/3 da revista *Variants. The Journal of the European Society for Textual Scholarship*, publicado em 2004, intitulada *Reading notes* e coordenado por Dirk Van Hulle e Wim Van Mierlo, e para a obra *Nietzsches persönliche Bibliothek*, edição coordenada por Giuliano Campioni, Paolo d'Iorio, Maria Cristina Fornari [et al.] (Berlin; New York: W. de Gruyter, 2003). Sobre a utilidade de um estudo de notas de leitura, ver também o artigo de T. Ancona Lopez sobre as *marginálias* do escritor brasileiro Mário de Andrade (In: *Genesis*, n. 18, 2002, p. 45-65). No que concerne mais diretamente às leituras de Dante por escritores do século XX, além da obra de Dirk Van Hulle, retomamos, particularmente, outras tentativas realizadas nessa mesma perspectiva de pesquisa por Roberto Cicala (Dante modello per Rebora. *Fortuna e critica e postille inedite alla Divina Commedia*. In: BESCHIN, G.; DE SANTI, G.; GRANDESSO, E. (Orgs.). *Clemente Rebora nella cultura italiana ed europea*. Rovereto, Atti del convegno, 1991. Roma: Editori Riuniti, 1993, p. 423-442).

¹¹ FERRER, D. Quelques remarques sur le couple intertextualité-génèse. In: GIFFORD, P.; SCHMID,

gênese destas obras¹²? Como explicar que ainda hoje existam tantas desconfianças, “resistências teóricas” em relação aos resultados obtidos pela genética nos últimos trinta anos¹³? A questão crucial consiste em saber se estamos de acordo ou não com o estatuto literário do manuscrito. Um valor objetivo, coerente e metonímico, que faz com que o interesse dado ao manuscrito implique em uma atenção menos localizada em direção ao ato de criação. Vejo reaparecer uma velha pergunta, sempre a mesma por sua vez, já muito feita nos anos 1940, na Itália, no momento em que Benedetto Croce contestava a tradição da crítica italiana de variante renovada por Gianfranco Contini, tratando como ilusório seu viés de querer *documentar a gênese da obra de arte através dos rascunhos de escritores*¹⁴. Estaríamos, ainda aqui, no cerne de uma querela entre aqueles que dão um valor ao estudo da criação e aqueles que veem neste estudo uma ameaça à integridade do texto pronto-para-ser-lido-e-interpretado? Pior, uma ameaça para seus paradigmas críticos habituais? Por que cair na contradição que faz com que aceitemos o manuscrito no espaço mundano das exposições sobre escritores (cada vez mais frequentes e de grande público) ou nas revistas literárias, quando, por outro lado (lá onde sua contribuição é realmente mais congruente, quando não necessária) o recusamos e até o depreciamos?

Está dito, nomeado o tabu, a pergunta pode, enfim, ser feita. E se fosse justamente papel da literatura comparada redimir a crítica genética aos olhos dos estudos literários? A literatura comparada parece estar melhor situada para fazer reconhecerem (e aqui falamos de verdadeiro reconhecimento) a crítica genética como uma disciplina não a ser discriminada, mas aproveitada, com todo o potencial que mostra, nos estudos de literatura. Eis aqui uma habilidade comparatista por excelência, fazer surgir as especificidades da genética, em relação às outras propostas críticas contemporâneas também legítimas, que a constituem enquanto a disciplina perfeitamente solidária e em nenhum caso adversa aos estudos de textos e da literatura geral. São numerosas as razões que nos autorizam a cogitar esta possibilidade.

Primeira razão: ambas, literatura comparada e crítica genética, realçam as atitudes e tendências intrínsecas à literatura. A literatura e seu estudo são naturalmente comparatistas, a ponto da definição de “literatura comparada” para alguns (aqueles que adotavam espontaneamente um olhar global sobre a literatura) ser considerada como pleonasmática. A reflexão crítica na qual se engaja o comparativista visa, de fato, apreender a lógica da produção literária não unicamente no espaço circunscrito de uma só obra, mas na capacidade desta obra de se aliar a outras, recriando-se. Se de início ela se calca no estudo de um corpus manuscrito dado, a genética visa igualmente identificar as invariações e, frequentemente, as continuidades, as proximidades de parentesco, em termos de modalidades de criação, de práticas e estratégias de escrita, de história dos escritos, que fazem emergir seu maior propósito, o de contribuir para uma sistematização do ato criador, para além dos limites de gêneros e dos campos específicos de aplicação. Aqui reside um componente determinante, bem como uma ambição

Tradução

M. (Orgs.). *Création en acte: devenir de la critique génétique*. Amsterdam: Rodopi, 2007, p. 205.

¹² Identidade oriunda primeiramente das pesquisas do Centre d'Analyse des Manuscrits Modernes (Camm) que se tornou o Institut des Textes et Manuscrits Modernes (ITEM).

¹³ Retomo aqui a expressão que figura no título do artigo de William Marx, “Les résistances théoriques à la critique génétique”, presente no volume *La création en acte. Devenir de la critique génétique* (Gifford, P.; Schmid, M. (Orgs.). Op. cit., p. 51-63).

¹⁴ Parafraseio aqui o título do panfleto de Benedetto Croce, “Illusioni sulla genesi delle opere d'arte documentata dagli scartafacci degli scrittori” (*Quaderni della critica*, n. 9, 1947). Para a resposta de Gianfranco Contini, ver: CONTINI, G. La critica degli scartafacci. In: *La Rassegna d'Italia*, III, 1948, p. 1048-1056 (reimpresso em *La critica degli scartafacci e altre pagine sparse, com um ricordo di Aurelio Roncaglia*. Pisa: Scuola Normale Superiore, 1992, p. 1-32). Para compreender as implicações cruciais que esse debate coloca em termos de teoria literária e de estética ver: GIAVERI, M. T. La critique génétique en Italie: Contini, Croce et l'étude des paperasses. In: *Genesis*, n. 3, 1993, p. 9-29; SEGRE, C. Critique des variantes et critique génétique. In: *Genesis*, n. 7, 1995, p. 29-45; Idem. Contini, Croce e la critica degli scartafacci. In: PUPINO, A. R. (Org.). *Riuscire postcrociani senza essere anticrociani*: Gianfranco Contini e gli studi letterari del secondo Novecento. Atti del convegno di Studio, Nápoles, 2-4 dezembro, 2002. Florença: Edizioni del Galluzzo, 2004, p. 297-304; DURANTE, E. Sous la rature, la littérature. L'expérience de la philologie italienne au service de la littérature comparée. In: *TRANS - Revue de littérature générale et comparée de l'Université Sorbonne Nouvelle Paris III*, n. 2, jun., 2006. Disponível em: <http://www.trans.univ-paris3.fr/article.php?id_article=94>.

autêntica, que não deve ser negligenciada. Em termos de estudos teóricos gerais, desde o começo dos anos 1980, a coleção *Textes et manuscrits*, das Éditions du CNRS, publica ensaios reunidos sobre as questões de literatura geral que justamente extrapolam o âmbito da gênese da obra de um único escritor e se situam no cruzamento entre diversas histórias, gêneros e contextos literários. Títulos como *Le Manuscrit inachevé. Écriture, création, communication* (1989) *Carnets d'écrivains* (1990), *Genèses du roman contemporain. Incipit et entrée en écriture* (1993) ou *Genèse du "Je". Manuscrits et autobiographie* (2000), *Genèse, censure, autocensure* (2005) atestam um esforço coletivo tocado há mais de trinta anos pelos geneticistas, buscando trazer novas contribuições à crítica literária contemporânea internacional. Explorando gêneros diversos (ficção, ensaios, poesia, correspondência, autobiografia, peças de teatro), os geneticistas tomaram campos da criação para além do espaço literário, como a filosofia, a arquitetura, a música, a escrita científica e as artes plásticas. Assim, a crítica genética se inscreveu com força em uma verdadeira perspectiva comparatista e fez do movimento interdisciplinar uma de suas singularidades. Entre os comparatistas e os geneticistas, também eles sensíveis à esta ambição de uma apreensão geral do fato literário e suas práticas, a diferença, no fundo, reside somente no ponto de acesso ao objeto/sujeito do estudo. Os geneticistas penetram na literatura seguindo as entradas da escrita de autores, enquanto os comparatistas se valem prioritariamente das saídas da obra, suas irradiações, efeitos e ressonâncias. Mas, tanto para uns quanto para outros, o texto se dá como um conjunto complexo de relações que se formam e se repetem progressivamente pela escrita (e a reescrita). A ideia de fixidez e de permanência de um texto é, nos dois casos, matizada, quando não suspensa; é a pluralidade da obra que se torna fundante¹⁵. Os escritores são os primeiros a atestá-lo: de Petrarca a Valéry, passando por Poe, para citar somente três autores que integram tradições distintas, por vezes inclusive no que tange à conservação de manuscritos de escritores e de condições da produção literária, toda criação de uma obra só pode ser compreendida na lógica da recriação de obras. Esta recriação pode se originar de diferentes estratégias de apropriação e de reescrita que mudam de caso a caso através de operações diversas, mais ou menos deliberadas, inconscientes ou limiares. Essas dimensões de pluralidade, de totalidade, que são visíveis nas obras de escritores e que são por eles próprios postuladas, fundam de maneira flagrante e pertinente uma grande parte das pesquisas da crítica genética (endogênese/exogênese, intertextualidade e genética, bibliotecas de escritores) e da literatura comparada (estudos de recepção, poéticas comparadas, pesquisas no campo da imagologia). Estes postulados se atualizam quotidianamente na maneira como cada disciplina procede ao desenvolver seu corpus de trabalho.

Segunda razão: o geneticista manipula documentos onde ele próprio desembaraça no interior de uma massa muitas vezes disforme, lacunar e complexa, os rastros múltiplos da escrita. Seu corpus se constrói de maneira tão progressiva quanto o processo de escrita que ele rastreia ao longo das folhas. Este gesto, que faz

¹⁵ Neste ponto dirijo de William Marx que vê nas "resistências [que] proveem da literatura comparada" uma reação ao fato de que "a mobilidade do texto genético não se presta bem à comparação, que requer sobretudo referências estáveis" (cf. MARX, W. "Les résistances théoriques à la critique génétique". In: GIFFORD, P.; SCHMID, M. (Orgs.). Op. cit., p. 60).

aparecer de maneira fascinante (se não falsamente lendária) como um cisterciense ligeiramente anacrônico, inclinado em velhos rascunhos, se se define por uma materialidade incontestável, se caracteriza por uma reflexão crítica prévia e imanente ao estudo do antetexto. Consistindo em descobrir, desdobrar e classificar feixes de manuscritos visando compreender o movimento criador que conduz à produção de um texto, sua busca é alimentada por uma dimensão crítica e de saberes que não proveem do manuscrito por si só, mas que são adquiridos (conhecimento textual, saberes histórico e biográfico, etc.). Uma dimensão que corre o risco de passar despercebida aos olhos inexperientes ou maliciosos que se restringem a observar somente a superfície do trabalho sobre os rascunhos. Este olhar metuculoso, paciente e curioso, dado aos manuscritos é plenamente justificável e digno de interesse, já que vem esclarecer, pela análise de uma documentação única e autêntica, dados importantes para o conhecimento de um texto e de um autor, que só teríamos a oportunidade de adquirir através dos manuscritos. Assim como o geneticista, no princípio, o comparatista deve estabelecer seu corpus que existe, mas espera ainda ser identificado e definido. Como o geneticista, ele mergulha em uma massa de livros de todas as formas, escritos em diferentes línguas alguns mais antigos que outros, mais ilustrados que outros. No interior destas folhas, por um azar que não o é, são todos reunidos, bem paginados, perfeitamente legíveis, sem qualquer outra coisa que exceda eventualmente sua própria escrita esparramada aqui e ali como um marcador de páginas, ele se aventura nas veredas de uma criação múltipla. Para ele, não se trata mais de observar o trabalho de um único escritor, mas de várias mãos (muitas vezes invisíveis) que deram lugar ao texto. Ambos em movimento (duplo movimento de criação e recriação) estas pesquisas edificam e reúnem a cada vez novos espaços textuais. Tem-se a impressão de se estar diante de um díptico, tal é a complementariedade de seus gestos de busca e apreensão do texto, por vezes idênticos. A proximidade, perdão, o parentesco, não é exagerado.

No fundo, para além das instituições oficiais de origem, as duas disciplinas compartilham uma mesma comunidade de pesquisadores formados na escola da crítica textual, e aqui reside uma *terceira razão* da sua complementariedade¹⁶. Os pesquisadores que hoje se inscrevem, metodologicamente, na crítica genética e continuam a renová-la, são oriundos dos estudos literários (e das ciências humanas). Possuem, portanto, plena consciência do alcance e da validade da interpretação textual, bem como das categorias da história literária. Eis outra evidência histórica que deveria, em um primeiro momento, bastar para erradicar, ou ao menos moderar, os preconceitos de dissidência erroneamente atribuídos à crítica genética. Esta relação de forças se mostra ainda mais paradoxal quando se considera os resultados obtidos pelas duas pesquisas. A literatura comparada, por sua vez, continua a propor novas direções de pesquisa para os estudos literários (literatura e antropologia, literatura e política, etc.) bem como corpus originais de trabalho e um questionamento teórico próximo à literatura contemporânea (em seus objetivos e limites), assim como as

¹⁶ Os “geneticistas vêm da crítica textual”, Pierre-Marc De Biasi (In: GRÉSILLON, A.; WERNER, M. (Orgs.). *Leçons d’écriture: ce que disent les manuscrits, textes réunis en hommage à Louis Hay*. Paris: Lettres Modernes, 1985, p. 261).

contribuições das ciências humanas. Já a crítica genética é igualmente nutrida por novos instrumentos e espaços de pesquisa e também uma compreensão renovada das obras literárias. Após a descoberta dos manuscritos de escritores germanófonos e franceses, que marcaram o início da disciplina na França (Heine, Balzac, Flaubert, Zola, Proust, Valéry), ela se abriu aos autores anglófonos (particularmente o imenso canteiro joyciano) e saltou as fronteiras europeias em direção às obras latino-americanas (hispanófonas e lusófonas: Mário de Andrade, Asturias, Borges, Cortázar, Guimarães Rosa, Lispector, Lezama Lima, Rulfo, Silva) e também, mais recentemente, rumo aos grandes autores da África francófona (Léopold Sédar Senghor) e do Caribe (Jacques Roumain, Jacques Stéphan Alexis, Édouard Glissant)¹⁷. Desta forma, ofereceu aos estudos literários novas edições rigorosas e confiáveis, um patrimônio inédito, em termos de documentação autoral, de interesse vital. Também estudou as condições singulares de criação, como os fenômenos de bilinguismo e multilinguismo que se apresentam no antetexto e que não necessariamente figuram na obra impressa. Coloca, também, corpus preciosos à disposição de pesquisadores atuais dos fenômenos psicológico, fisiológico e linguístico que intervêm nas produções intelectuais e que poderiam se provar particularmente frutíferos aos comparatistas, por pressuposto atento às problemáticas.

De maneira incontestável, ambas as disciplinas vivem um presente feito de questionamentos e balanços. Longe de me surpreender, títulos recentes como *Pourquoi la critique génétique?*, *Devenir de la critique génétique*, ou como *Qu'est-ce que la littérature comparée?* ou *Pourquoi la littérature comparée?* tornam o mistério deste casamento não consumado ainda mais inexplicável aos meus olhos. Interrogam-se, de fato, constantemente sobre seus próprios limites e seu futuro institucional e metodológico. O olhar que ambas dirigem à sua situação em outros países e à validade de seu movimento no mundo hoje, tanto esgota ainda mais suas inquietudes quanto as conduz ao emprego de novos instrumentos e novas orientações de pesquisa. Que proibição impede, então, que esta falsa barreira entre as duas disciplinas seja doravante derrubada? Pudemos constatá-lo: a causa não se origina de uma incompatibilidade epistemológica, mas de uma forma de defesa preventiva que impede o acolhimento desta dimensão inédita (é preciso afirmá-lo) que a genética leva para a compreensão da literatura e que só pode ser benéfica. Em outros países, a coexistência da pesquisa genética e dos estudos literários não provoca tantos conflitos de interesse, tão enraizados e duradouros. O ensino de uma caminha lado a lado com o ensino da outra, às vezes unidas em uma mesma cadeira, o que não é o caso da França. O debate não encontrará sua conclusão nestas páginas cuja intenção era sobretudo reduzir a disparidade, suavizar as asperezas de dois caminhos que só em aparência divergem na caracterização e valorização do objeto literário. Dois falsos gêmeos, para retomar a metáfora inicial, que ganhariam se reconhecendo no interior de uma mesma família, seja ela feliz ou infeliz.

¹⁷ Vale ressaltar, a propósito deste tema, o papel fundamental da célebre coleção *Arquivos* que, desde a metade dos anos 1980, possui uma atividade editorial intensa, publicando os grandes autores da literatura latino-americana do século XX.

Referências bibliográficas

- CAMPIONI, Giuliano; D'IORIO, Paolo; FORNARI, Maria Cristina et al. (Orgs.). *Nietzsches persönliche Bibliothek*. Berlin; New York: W. de Gruyter, 2003.
- CICALA, Roberto. Dante modello per Rebora. Fortuna e critica e postille inedite alla *Divina Commedia*. In: BESCHIN, Giuseppe; DE SANTI, Gualtiero; GRANDESSO, Enrico (Orgs.). *Clemente Rebora nella cultura italiana ed europea*. Rovereto, Atti del convegno, 1991. Roma: Editori Riuniti, 1993, p. 423-442.
- CONTINI, Gianfranco. La critica degli scartafacci. In: *La Rassegna d'Italia*, III, 1948, p. 1048-1056 (reimpresso em *La critica degli scartafacci e altre pagine sparse, com um ricordo di Aurelio Roncaglia*. Pisa: Scuola Normale Superiore, 1992, p. 1-32).
- CROCE, Benedetto. Illusioni sulla genesi delle opere d'arte documentata dagli scartafacci degli scrittori. In: *Quaderni della critica*, n. 9, 1947.
- DE BIASI, Pierre-Marc. Théorie de l'intertextualité. Dictionnaire des genres et notions littéraires. In: *Encyclopædia Universalis*. Paris: Albin Michel, 1997, p. 371-378.
- DURANTE, Erica. *Questions de poétique et d'écriture: Dante au miroir de Valéry et de Borges*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2008.
- _____. Sous la rature, la littérature. L'expérience de la philologie italienne au service de la littérature comparée. In: *TRANS - Revue de littérature générale et comparée de l'Université Sorbonne Nouvelle Paris III*, n. 2, jun., 2006. Disponível em: <http://www.trans.univ-paris3.fr/article.php?id_article=94>.
- FALCONER, Graham. Genetic criticism. In: *Comparative literature*, vol. 45, 1, p. 2-21.
- FERRER, Daniel. Quelques remarques sur le couple intertextualité-génèse. In: GIFFORD, Paul; SCHMID, Marion (Orgs.). *Création en acte: devenir de la critique génétique*. Amsterdã: Rodopi, 2007.
- _____; D'IORIO, Paolo (Orgs.). *Bibliothèques d'écrivains*. Paris: Éditions du CNRS, 2001.
- GIAVERI, Maria Teresa. Comparatistica e genetica testuale. In: DONZELLI, Maria (Org.). *Comparatismi e Filosofia*. Nápoles: Atti del Convegno, 2004.
- _____. La critique génétique en Italie: Contini, Croce et l'étude des paperasses. In: *Genesis*, n. 3, 1993, p. 9-29.
- _____. La nouveauté des études génétiques. In: MILDONIAN, Paola (Org.). *À partir de Venise: héritages, passages, horizons. Cinquante ans de l'AILC*. Veneza: Atti del Convegno, 2005.
- GIFFORD, Paul; SCHMID, Marion (Orgs.). *Création en acte: devenir de la critique génétique*. Amsterdã: Rodopi, 2007.
- GRÉSILLON, Almuth; WERNER, Michaël (Orgs.). *Leçons d'écriture: ce que disent les manuscrits, textes réunis en hommage à Louis Hay*. Paris: Lettres Modernes, 1985.
- HAY, Louis. Critique de la critique génétique. In: *Genesis*, n. 6, 1994, p. 11-23.
- _____. La letteratura comparata fra tradizioni e prospezioni. In: *Le letterature comparate: metodi e obiettivi*, Atti del Convegno Internazionale, Naples, 4-5 dezembro, 1998, Université de Naples, "L'Orientale".
- _____. *Les manuscrits des écrivains*. Paris: Éditions du CNRS, 1993.
- JARRETY, Michel. *La critique littéraire française au XX^e siècle* (col. "Que sais-je"). Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

- LOPEZ, Telê Ancona. La bibliothèque de Mário de Andrade: une moisson engrangée pour la création. In: *Genesis*, n. 18, 2002, p. 45-65.
- MARX, William. Les résistances théoriques à la critique génétique. In: GIFFORD, Paul; SCHMID, Marion (Orgs.). *Création en acte: devenir de la critique génétique*. Amsterdã: Rodopi, 2007, p. 51-63.
- NEEFS, Jacques. Carnets de romanciers (Flaubert, Zola, James). In: *Littérature*, n. 80, 1990, p. 56-70.
- SEGRE, Cesare. Contini, Croce e la critica degli scartafacci. In: PUPINO, Angelo Raffaele (Org.). *Riuscire postcrociani senza essere anticrociani: Gianfranco Contini e gli studi letterari del secondo Novecento. Atti del convegno di Studio, Nápoles, 2-4 dezembro, 2002*. Florença: Edizioni del Galluzzo, 2004, p. 297-304.
- _____. Critique des variantes et critique génétique. In: *Genesis*, n. 7, 1995, p. 29-45.
- VAN HULLE, Dirk. Économie textuelle: recyclage chez Proust, Mann et Joyce. In: *Genesis*, n. 18, 2002, p. 91-103.
- _____. *Joyce and Beckett: discovering Dante*. Dublin: National Library of Ireland, 2004.
- _____. *Textual awareness: a genetic study of late manuscripts by Joyce, Proust and Mann*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2004.
- _____; VAN MIERLO, Wim (Orgs.). *Variants. The Journal of the European Society for Textual Scholarship*, n. 2/3, "Reading notes", 2004.